

O Livro de Urântia

<< [Documento 150](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 152](#) >>

Documento 151

Os Ensinaamentos e a Permanência à Beira-Mar

151:0.1 (1688.1) POR VOLTA de 10 de março todos os grupos de pregação e ensinamento estavam congregados em Betsaida. Na quinta-feira à noite e na sexta- feira, muitos deles saíram para pescar; já no dia de sábado eles foram à sinagoga para ouvir um judeu idoso de Damasco discursar sobre a glória do pai Abraão. Jesus passou a maior parte desse sábado a sós nas colinas; e à noite, desse dia, o Mestre falou aos grupos reunidos, por mais de uma hora, sobre “A missão da adversidade e o valor espiritual do desapontamento”. Essa foi uma ocasião memorável, e os seus ouvintes nunca esqueceram a lição que ele lhes ministrou.

151:0.2 (1688.2) Jesus ainda não se havia recuperado totalmente da mágoa da recente rejeição que tivera em Nazaré; os apóstolos sabiam que uma tristeza evidente misturava-se ao seu comportamento geralmente alegre. Tiago e João acompanhavam- no a maior parte do tempo; Pedro estava mais do que ocupado com as muitas

responsabilidades que tinham a ver com a direção e o bem-estar do novo corpo de evangelistas. As mulheres passaram esse tempo de espera, antes de partirem para a Páscoa em Jerusalém, indo de casa em casa, ensinando o evangelho, visitando e ministrando aos doentes em Cafarnaum e nas cidades e aldeias vizinhas.

1. A Parábola do Semeador

151:1.1 (1688.3) Naquela época, e pela primeira vez, Jesus começara a utilizar o método da parábola, para ensinar às multidões que tão freqüentemente se ajuntavam em volta dele. Posto que Jesus havia conversado com os apóstolos, e com outros, até tarde da noite, nesse domingo pela manhã pouquíssimos do grupo estavam de pé para o desjejum; assim, ele foi para a beira-mar e assentou-se a sós no barco, o velho barco de pesca de André e Pedro, que permanecia sempre à disposição dele; e então Jesus pôde meditar sobre o próximo passo a ser dado na obra de expandir o Reino. Todavia, o Mestre não ficou só por muito tempo. Logo, o povo de Cafarnaum e das aldeias próximas começou a chegar e, às dez horas, naquela manhã, quase mil pessoas se viram reunidas, na praia, perto do barco de Jesus, e clamavam pela atenção dele. Pedro, que agora já estava de pé, chegando ao barco, disse a Jesus: “Mestre, devo falar a eles?” E Jesus respondeu: “Não, Pedro, eu vou contar-lhes uma história”. E Jesus então começou a contar a parábola do semeador, uma das primeiras de uma longa série de parábolas com as quais ele

ensinou às multidões que o seguiam. Esse barco tinha um assento elevado, no qual ele assentou-se (pois era costume ficar assentado, enquanto se ensinava) para falar às pessoas reunidas ao longo da praia. Pedro falou umas poucas palavras e em seguida Jesus disse:

151:1.2 (1688.4) “Um semeador saiu para semear, e aconteceu que, ao semear, algumas sementes caíram à beira do caminho, onde seriam pisadas ou devoradas pelos pássaros do céu. Outras sementes caíram em locais rochosos, onde havia pouca terra, e brotaram imediatamente, dada a pouca profundidade no solo; todavia o sol veio logo e elas murcharam, pois não possuíam raízes com as quais absorver a umidade. Outras sementes caíram entre os espinhos e, quando os espinhos cresceram, ficaram estranguladas, de modo a nada produzirem. Outras sementes, ainda, caíram em solo bom e, crescendo, produziram trinta grãos, algumas outras, sessenta, e outras, cem grãos”. E, quando Jesus terminou de contar essa parábola, disse à multidão: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça”.

151:1.3 (1689.1) Os apóstolos e aqueles que estavam junto, quando ouviram Jesus ensinando ao povo daquele modo, ficaram bastante perplexos; e, depois de muito conversarem, entre si, naquela noite, no jardim de Zebedeu, Mateus disse a Jesus: “Mestre, qual é o significado das palavras obscuras que tu apresentaste à multidão? Por que falas por meio de parábolas àqueles que buscam a verdade?” E Jesus respondeu:

151:1.4 (1689.2)

“Eu vos tenho instruído com paciência durante todo esse tempo. A vós vos é dado conhecer os mistérios do Reino do céu, mas, para a multidão, que não sabe discernir, e, para aqueles que buscam a nossa destruição, de agora em diante, os mistérios do Reino serão apresentados em parábolas. Assim nós faremos para que aqueles que realmente desejem entrar no Reino possam discernir o significado do ensinamento e dessa forma encontrar a salvação; ao passo que aqueles que nos estiverem escutando, apenas para nos pegar de surpresa, acabarão ficando mais confundidos, pois verão sem nada ver e ouvirão sem nada ouvir. Meus filhos, não conheceis a lei do espírito a qual decreta que, àquele que tem, será dado, de um tal modo que ele terá em abundância; mas, àquele que não tem, será tomado até mesmo o que ele tem. Por isso, de agora em diante, eu falarei muita coisa ao povo, por meio de parábolas, para que os nossos amigos e aqueles que desejarem saber a verdade possam encontrar o que procuram, enquanto os nossos inimigos e aqueles que não amam a verdade possam ouvir sem entender. Muitos, dessa gente, não estão no caminho da verdade. O profeta de fato descreveu todas essas almas sem discernimento, quando ele disse: ‘Pois o coração desse povo tornou-se fechado e duro, e os seus ouvidos, embotados, e não escutam, e os seus olhos, eles os fecharam para não ver a verdade e para não a compreender nos seus corações’.

151:1.5 (1689.3)

Os apóstolos não entenderam totalmente o significado das palavras do Mestre. Enquanto André e Tomé conversavam mais com Jesus, Pedro e os outros apóstolos retiraram-se para uma outra

parte do jardim, onde iniciaram uma discussão verdadeira e prolongada.

2. A Interpretação da Parábola

151:2.1 (1689.4) Pedro e o grupo à sua volta chegaram à conclusão de que a parábola do semeador era uma alegoria, e que cada aspecto possuía um sentido oculto e, sendo assim, decidiram ir a Jesus e pedir uma explicação. E, desse modo, Pedro aproximou-se do Mestre, dizendo: “Nós não somos capazes de penetrar no significado dessa parábola, e, estamos desejando que tu a expliques para nós, já que disseste que a nós nos é dado conhecer os mistérios do Reino”. E, depois de ter ouvido isso, Jesus disse a Pedro: “Meu filho, não desejo esconder nada de ti, mas, primeiro, que tal se disseres a mim sobre o que acabastes de conversar; qual a tua interpretação da parábola?”

151:2.2 (1689.5) Após um momento de silêncio, Pedro disse: “Mestre, nós falamos muito a respeito da parábola, e a interpretação pela qual eu optei é a seguinte: O semeador é o pregador do evangelho; a semente é a palavra de Deus. A semente, que cai à beira do caminho, representa aqueles que não compreendem o ensinamento do evangelho. Os pássaros, apanhando as sementes que caem no chão endurecido, representam Satã, ou o maligno, que rouba aquilo que foi semeado nos corações dos ignorantes. A semente que caiu nos locais rochosos e que brotam muito subitamente representam aquelas pessoas superficiais e irreflexivas que, ao ouvirem as boas-

novas, recebem a mensagem com júbilo mas, como a verdade não tem nenhuma raiz real no seu entendimento mais profundo, a sua devoção tem vida curta diante da atribulação e da perseguição. Quando chegam as dificuldades, esses crentes tropeçam, e sucumbem quando tentados. A semente que caiu entre os espinhos representa todos aqueles que ouvem a palavra com boa vontade, mas permitem que as preocupações do mundo e a natureza enganadora das riquezas asfixiem o mundo da verdade, de tal modo que as verdades se tornam infrutíferas. Agora, as sementes que caíram no bom solo, e que cresceram, até darem, algumas trinta, outras sessenta e outras até cem grãos, representam aqueles que, após haverem ouvido a verdade, recebem-na em vários níveis de entendimento — devido aos seus dons intelectuais diferentes — e, por isso, manifestam esses vários graus de experiência religiosa”.

151:2.3 (1690.1) Após haver ouvido a interpretação de Pedro, para a parábola, Jesus perguntou aos outros apóstolos se eles também possuíam sugestões a oferecer. A esse convite apenas Natanael respondeu. Disse ele: “Mestre, ainda que eu reconheça muitas coisas boas na interpretação que Simão Pedro dá à parábola, não concordo totalmente com ele. A minha idéia sobre essa parábola seria: A semente representando o evangelho do Reino, enquanto o semeador significando os mensageiros do Reino. A semente que caiu à margem do caminho, na parte endurecida do solo, representa aqueles que não ouviram senão pouco do evangelho e, também, aqueles que são indiferentes à mensagem e endureceram os seus corações. Os pássaros do céu, que levam as sementes caídas. à beira do caminho,

representam os hábitos da nossa vida, a tentação do mal e os desejos da carne. A semente caída na rocha representa aquelas almas emocionais que são rápidas para receber os ensinamentos novos, mas também são igualmente rápidas para desistir da verdade, quando enfrentam as dificuldades e realidades para viver de acordo com essa verdade, a elas faltando a percepção espiritual. A semente, que caiu entre os espinhos, representa os que são atraídos para as verdades do evangelho; eles têm a intenção de seguir os ensinamentos, mas são impedidos pelo orgulho da vida, o ciúme, a inveja e as ansiedades da existência humana. A semente que caiu em bom solo, e cresceu até dar, algumas trinta, algumas sessenta e outras até cem grãos, representa os graus de capacidade natural e variável para compreender a verdade e responder aos seus ensinamentos espirituais, que têm os homens e as mulheres, pois possuem dons diferentes de iluminação de espírito”.

151:2.4 (1690.2) Quando Natanael terminou de falar, os apóstolos e os seus companheiros entraram em uma discussão séria e mesmo em um debate profundo, alguns sustentando a correção da interpretação de Pedro; e um número quase igual deles tentava defender a explicação de Natanael para a parábola. Nesse ínterim, Pedro e Natanael haviam-se retirado para a casa, onde se envolveram em um esforço vigoroso e determinado para convencer e mudar a idéia, um ao outro.

151:2.5 (1690.3) O Mestre permitiu que essa confusão ultrapassasse o limite da sua expressão mais intensa; após o que ele bateu com as palmas das mãos a fim de chamá-los para perto de si. Quando eles

estavam todos reunidos à sua volta, uma vez mais, disse: “Antes de falar-vos sobre essa parábola, algum de vós tem qualquer coisa a dizer?” Depois de um momento de silêncio, Tomé falou: “Sim, Mestre, gostaria de dizer umas poucas palavras. Lembro-me de que tu nos aconselhaste, certa vez, para tomarmos cuidado exatamente com isso. Ensinaste-nos que, quando usássemos exemplos nas nossas pregações, deveríamos empregar histórias verdadeiras, não fábulas, e que deveríamos escolher a história que melhor se adequasse como exemplo da verdade central e vital, a qual gostaríamos de ensinar ao povo; e que, havendo usado a história, não deveríamos tentar dar um emprego espiritual a todos os detalhes menores envolvidos na narrativa da história. Eu sustento que Pedro e Natanael estão ambos errados nas suas tentativas de interpretar essa parábola. Admiro a capacidade deles para essas coisas, mas estou igualmente seguro de que todas as tentativas, como essas, de fazer uma parábola natural produzir analogias espirituais, em todos os seus aspectos, pode apenas resultar em confusão e em erros sérios de concepção, sobre o verdadeiro propósito da parábola. E, plenamente provado que eu devo estar certo, está, pelo fato de que, se há uma hora atrás comungávamos de um só pensamento, agora estamos divididos em dois grupos separados que sustentam opiniões diferentes a respeito dessa parábola e que mantêm tais opiniões tão sinceramente a ponto de até interferir, na minha opinião, com a capacidade de compreender plenamente a grande verdade que tu tinhas em mente, quando apresentaste essa parábola à multidão e quando posteriormente nos pediste para tecer comentários sobre ela”.

151:2.6 (1691.1)

As palavras ditas por Tomé tiveram o efeito de acalmar a todos. Ele levou-os a lembrarem-se do que Jesus lhes tinha ensinado em ocasiões anteriores e, antes que Jesus continuasse a falar, André ergueu-se e disse: “Estou persuadido de que Tomé está certo; e gostaria que ele nos contasse qual significado ele atribui à parábola do sementeiro”. Depois que Jesus acenou para Tomé falar, ele disse: “Meus irmãos, eu não gostaria de prolongar essa discussão, mas, se assim o desejardes, direi que penso que essa parábola foi contada para ensinar-nos uma grande verdade. E esta é a de que nossos ensinamentos sobre o evangelho do Reino, não importa quão fiel e eficientemente executemos as nossas missões divinas, serão acompanhados por vários níveis de êxito; e que todas essas diferenças, nos resultados, são devidas diretamente às condições inerentes às circunstâncias da nossa ministração, condições sobre as quais temos pouco ou nenhum controle”.

151:2.7 (1691.2)

Quando Tomé acabou de falar, a maioria dos seus companheiros pregadores estava pronta para concordar com ele e, Pedro e Natanael estavam mesmo, por sua vez, prontos a dirigir-se a ele, quando Jesus levantou-se e disse: “Muito bem, Tomé; tu discerniste bem o verdadeiro significado das parábolas; mas Pedro e Natanael, ambos, fizeram a vós todos um bem igual, pois eles mostraram plenamente o perigo de se tentar fazer uma alegoria das minhas parábolas. Nos vossos próprios corações, podeis muitas vezes, com proveito, fazer tais vós de conjectura imaginativa, mas vós cometereis um erro sempre que buscardes oferecer conclusões como uma parte do vosso ensinamento público”.

151:2.8 (1691.3) Agora, uma vez passada a tensão, Pedro e Natanael congratulavam-se um com o outro pelas suas interpretações e, à exceção dos gêmeos Alfeus, cada um dos apóstolos aventurava-se a fazer uma interpretação da parábola do semeador antes de retirar-se para dormir. Até mesmo Judas Iscariotes ofereceu uma interpretação bastante plausível. Frequentemente, entre si próprios, os doze iriam tentar imaginar as parábolas do Mestre, como haviam feito, por meio de uma alegoria, mas, nunca mais, eles levariam essas especulações a sério. Essa foi uma sessão bastante proveitosa para os apóstolos e para seus colaboradores, especialmente porque, desde então, e cada vez mais, Jesus empregou parábolas no seu ensinamento público.

3. Mais a Respeito das Parábolas

151:3.1 (1691.4) A mente dos apóstolos adaptava-se bem às parábolas; tanto assim, que toda a noite seguinte foi dedicada a mais uma discussão sobre as parábolas. Jesus iniciou a conferência da noite dizendo: “Meus amados, vós deveis sempre amoldar os vossos modos de ensinar, adequando assim a vossa apresentação da verdade às mentes e aos corações que estão diante de vós. Quando estiverdes diante de uma multidão de intelectos e de temperamentos vários, vós não podereis falar palavras diferentes para cada tipo de ouvinte, mas podeis contar uma história que passe o vosso ensinamento; e cada grupo, cada indivíduo mesmo, será capaz de dar a sua própria

interpretação à vossa parábola, de acordo com os próprios dons intelectuais e espirituais. Deveis deixar a vossa luz brilhar, mas o fazeis com sabedoria e discrição. Nenhum homem, quando acende uma lâmpada, cobre-a com um vaso ou põe-na debaixo da cama; ele põe a sua lâmpada sobre um pedestal, onde todos possam ver a luz. No Reino do céu, permiti que eu vos diga, nada que, estando escondido, deixará de tornar-se manifestado; nem há segredo algum que não se fará afinal conhecido. Finalmente, todas as coisas virão à luz. Não penseis apenas nas multidões, e em como elas ouvem a verdade; prestai atenção também em vós próprios, em como escutais. Lembrai-vos do que eu vos disse muitas vezes: Para aquele que tem, será dado mais; enquanto daquele que não tem, será tomado até mesmo aquilo que ele pensa que tem”.

151:3.2 (1692.1) A discussão contínua sobre as parábolas; e as outras instruções para a sua interpretação podem ser resumidas e expressas, em forma moderna, do modo seguinte:

151:3.3 (1692.2) 1. Jesus preveniu contra o uso, fosse de fábulas, fosse de alegorias, para o ensino das verdades do evangelho. Ele recomendava o uso livre de parábolas, especialmente parábolas naturalistas. Ele enfatizava o valor de utilizar-se das analogias existentes entre o mundo natural e o mundo espiritual, como um meio para ensinar-se a verdade. Frequentemente fazia alusão ao natural, como sendo “a sombra irreal e fugaz das realidades do espírito”.

151:3.4 (1692.3) 2. Jesus narrou três ou quatro parábolas das escrituras dos hebreus, chamando a atenção para o fato de que esse método de ensinar não era totalmente novo. Contudo, tornou-se quase um método novo de ensinar, do modo como ele o empregou, desse momento em diante.

151:3.5 (1692.4) 3. Ao ensinar aos apóstolos o valor das parábolas, Jesus chamou a atenção para os pontos seguintes:

151:3.6 (1692.5) A parábola tem apelo para vários níveis diferentes, simultaneamente, da mente e do espírito. A parábola estimula a imaginação, desafia o senso do discernimento e provoca o pensamento crítico; ela promove a simpatia, sem despertar antagonismos.

151:3.7 (1692.6) A parábola parte das coisas conhecidas e chega ao discernimento do desconhecido. A parábola utiliza o material e o natural, como um meio de apresentar o espiritual e o supramaterial.

151:3.8 (1692.7) As parábolas favorecem a tomada de decisões morais imparciais. A parábola escapa de muitos preconceitos e joga na mente uma nova verdade, de um modo encantador; e a tudo isso ela faz despertando um mínimo de autodefesa, de ressentimento pessoal.

151:3.9 (1692.8) Rejeitar a verdade contida na analogia parabólica requer uma ação intelectual consciente, que despreza diretamente o vosso próprio julgamento honesto e a vossa decisão equânime. A parábola conduz ao esforço do pensamento por meio do sentido da audição.

151:3.10 (1692.9) O ensino, sob a forma de parábola, capacita aquele que ensina a apresentar verdades novas e até surpreendentes, e ao mesmo tempo evita amplamente qualquer controvérsia e choque externo com a tradição e com a autoridade estabelecida.

151:3.11 (1693.1) A parábola também possui a vantagem de estimular a lembrança da verdade ensinada, quando as mesmas cenas conhecidas forem encontradas posteriormente.

151:3.12 (1693.2) Desse modo, Jesus buscava deixar os seus seguidores inteirados das muitas razões que motivavam a sua prática de usar cada vez mais as parábolas nos seus ensinamentos públicos.

151:3.13 (1693.3) Mais para o fim da lição da noite, Jesus fez o seu primeiro comentário sobre a parábola do semeador. Disse que a parábola referia-se a duas coisas: em primeiro lugar, era um exame da sua própria ministração, até aquele momento, e uma previsão do que ele teria diante de si, durante o restante da sua vida na Terra. E, em segundo lugar, era também uma alusão ao que os apóstolos e os outros mensageiros do Reino poderiam esperar na sua ministração, de geração para geração, com o passar do tempo.

151:3.14 (1693.4) Jesus recorreu também ao uso de parábolas, como a melhor refutação possível do esforço estudado dos líderes religiosos em Jerusalém, para ensinar que todo o seu trabalho era feito com a assistência de demônios e do príncipe dos diabos. O apelo à natureza contradizia esse ensinamento, já que o povo daquele tempo encarava todos os fenômenos naturais como o produto da ação direta de seres

espirituais e de forças sobrenaturais. Ele também optou por esse método de ensinar porque o capacitava a proclamar verdades vitais àqueles que desejavam conhecer o melhor caminho, ao mesmo tempo, permitindo aos seus inimigos menos oportunidade de terem motivo de ofensa e de acusações contra ele.

151:3.15 (1693.5) Antes de dispensar o grupo naquela noite, Jesus disse: “Agora eu vou contar- lhes o final da parábola do semeador. Eu gostaria de testá-los para saber como receberão isto: O Reino do céu é também como um homem que joga a boa semente na terra; e, enquanto ele dormiu à noite, e foi cuidar dos seus afazeres do dia, a semente brotou e cresceu e, embora ele não soubesse como aquilo aconteceu, a planta veio a frutificar. Primeiro surgiu a folha, depois a espiga e, então, surgiu o grão inteiro na espiga. E, finalmente, quando o grão estava amadurecido, ele passou a foice; e a colheita terminou. Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça”.

151:3.16 (1693.6) Os apóstolos repassaram essa parte muitas vezes nas suas mentes, mas o Mestre nunca mais fez outra menção ao trecho adicional da parábola do semeador.

4. Mais Parábolas à Beira-Mar

151:4.1 (1693.7) No dia seguinte, Jesus novamente ensinou ao povo, de dentro do barco, dizendo: “O Reino do céu é como um homem que lançou a boa semente no campo; mas, enquanto dormia, veio o seu inimigo e plantou ervas daninhas em meio ao trigo e foi-se embora

rapidamente. Assim, as folhinhas surgiram e estavam para dar fruto quando, mais tarde, apareceram também as ervas daninhas. Então, vieram os servos do dono da casa e lhe disseram: ‘Senhor, não plantaste uma boa semente no teu campo? Ou, então, de onde então vieram essas ervas daninhas?’ E, assim, respondeu ele aos seus servos: ‘Um inimigo fez isso’. Nisso, os servos perguntaram ao senhor: ‘Gostarias que fôssemos lá e arrancássemos essas ervas daninhas?’ Mas ele respondeu-lhes, dizendo: ‘Não, para que enquanto as estiverdes ajuntando, não arranques o trigo também. Melhor será deixar que as duas cresçam juntas, até a hora da colheita, quando então eu direi aos ceifadores: ajuntai primeiro as ervas daninhas, amarrando-as em feixes para serem queimadas e, depois, ajuntai o trigo que será estocado no meu celeiro’”.

151:4.2 (1693.8) Após algumas perguntas, feitas pelo povo, Jesus contou uma outra parábola: “O Reino do céu é como um grão de semente de mostarda, que um homem semeia no seu campo. Ora, uma semente de mostarda é o menor dos grãos, todavia, quando chega à plenitude do crescimento, torna-se a maior de todas as ervas e é como uma árvore, de tal modo que os pássaros do céu são capazes de vir e descansar nos seus galhos”.

151:4.3 (1694.1) “O Reino do céu é também como o fermento, que uma mulher escondeu em três medidas de farinha e, desse modo, aconteceu que toda a farinha ficou fermentada”.

151:4.4 (1694.2) “O Reino do céu é também como um tesouro escondido em um campo, e que um homem descobriu. No seu júbilo ele foi vender tudo o que possuía, para que pudesse ter o dinheiro e comprar o campo”.

151:4.5 (1694.3) “O Reino do céu é também como um mercador buscando belas pérolas; e, havendo encontrado uma pérola de grande preço, ele saiu e vendeu tudo o que possuía para poder ser capaz de comprar a pérola extraordinária”.

151:4.6 (1694.4) “E mais: o Reino do céu é como uma rede de arrastão que foi lançada ao mar; e pegou toda espécie de peixes. Ora, quando a rede estava cheia, os pescadores puxaram-na até a praia, e ali se sentaram e separaram os peixes, ajuntando os bons em vasos, enquanto, os ruins, eles jogaram fora”.

151:4.7 (1694.5) Muitas outras parábolas Jesus contou à multidão. De fato, dessa época em diante, raramente ele ensinava às massas a não ser por esse meio. Depois de falar a uma audiência pública por meio de parábolas, durante as instruções da noite, ele gostava de expor mais plenamente e explicitamente os seus ensinamentos aos apóstolos e aos evangelistas.

5. A Visita a Queresa

151:5.1 (1694.6) A multidão continuou a crescer durante a semana. No sábado, Jesus apressou-se a sair para as colinas, mas, quando chegou o domingo de manhã, as multidões retornaram. Jesus falou a elas, na primeira parte da tarde, depois da pregação de Pedro, e, quando acabou, disse aos seus apóstolos: “Estou cansado das multidões; atravessemos o lago para que possamos descansar do outro lado, por um dia”.

151:5.2 (1694.7) No meio da travessia do lago eles depararam-se com uma daquelas tempestades de vento súbitas e violentas, que são características do mar da Galiléia, especialmente naquela estação do ano. Essa massa de água está a mais de duzentos metros abaixo do nível dos oceanos e é cercada por margens altas, especialmente a oeste. Há gargantas escarpadas que vão do lago às montanhas e, quando o ar aquecido forma uma bolsa sobre o lago, durante o dia, há uma tendência, depois do pôr-do-sol, de que o ar resfriado das gargantas corra sobre o lago. Esses golpes de vento vêm rapidamente e algumas vezes vão embora subitamente também.

151:5.3 (1694.8) Era exatamente uma dessas ventanias noturnas que surpreendeu o barco que levava Jesus ao outro lado, nessa noite de domingo. Três outros barcos, levando alguns dos evangelistas mais jovens, estavam atrás na mesma trilha. Essa tempestade foi severa, não obstante estivesse confinada a essa região do lago, não tendo havido nenhuma evidência de tempestade na margem do lado oeste. O vento foi tão forte que as ondas começaram a bater acima do barco. O vento rápido havia rasgado a vela, antes que os apóstolos a tivessem podido enrolar, e agora eles dependiam totalmente dos seus

remos, os quais manejavam vigorosamente para alcançar a margem a uns três quilômetros de distância.

151:5.4 (1694.9) Enquanto tudo isso acontecia, Jesus encontrava-se adormecido na popa do barco, sob um pequeno abrigo. O Mestre estava cansado quando eles deixaram Betsaida, e foi para garantir o descanso que tinha pedido aos apóstolos para velejar com ele até o outro lado. Esses ex-pescadores eram remadores fortes e experientes; mas essa foi uma das piores tempestades que jamais eles haviam encontrado. Embora o vento e as ondas fizessem o barco sacudir tal um brinquedo, Jesus não teve o seu sono perturbado. Pedro estava no remo do lado direito, perto da popa. Quando o barco começou a encher-se de água, ele soltou seu remo e, precipitando-se até Jesus, sacudiu-o vigorosamente para despertá-lo e, quando ele despertou, Pedro disse: “Mestre, não vês que estamos no meio de uma tempestade violenta? Se não nos salvares, pereceremos todos”.

151:5.5 (1695.1) Quando Jesus saiu na chuva, primeiro olhou para Pedro e, depois, mirando na escuridão para os remadores na luta, ele voltou com o seu olhar de volta em Simão Pedro, que, na sua agitação, não tinha ainda voltado para o seu remo, e disse: “Por que estais tão cheios de medo? Onde está a vossa fé? Paz, acalmai-vos”. Mal Jesus havia dado essa resposta a Pedro e aos outros apóstolos, e mal havia pedido a Pedro que buscasse a paz com a qual aquietar a sua alma agoniada, quando a atmosfera perturbada restabeleceu o seu equilíbrio; e veio a calmaria e o tempo ficou estabilizado. As ondas revoltas abaixaram quase que imediatamente, enquanto as nuvens escuras, tendo despejado-se naquela chuva curta, desapareceram; e

as estrelas do céu brilharam acima. Tudo isso era uma pura coincidência, pelo que podemos julgar; mas os apóstolos, e Simão Pedro em particular, nunca deixaram de considerar o episódio como um milagre da natureza. Era especialmente fácil para os homens daquela época crerem em milagres da natureza, porquanto eles acreditavam firmemente que toda a natureza era um fenômeno diretamente sob o controle de forças espirituais e de seres sobrenaturais.

151:5.6 (1695.2) Jesus explicou claramente aos doze que ele havia falado aos seus espíritos perturbados, e dirigiu-se às suas mentes dominadas pelo medo, e que não havia comandado os elementos a obedecerem a sua palavra, mas de nada valeu dizer isso. Os seguidores do Mestre persistiram sempre em dar a sua própria interpretação a todos esses acontecimentos coincidentes. Desse dia em diante eles insistiram em considerar o Mestre como tendo poder absoluto sobre os elementos naturais. Pedro nunca se cansou de contar como “mesmo os ventos e as ondas obedecem a ele”.

151:5.7 (1695.3) Quando Jesus e os seus companheiros chegaram à margem já era tarde da noite e, posto que fosse uma noite calma e bela, todos descansaram nos barcos, indo à praia somente pouco depois do amanhecer, na manhã seguinte. Quando estavam todos reunidos, cerca de quarenta pessoas ao todo, Jesus disse: “Permaneçamos lá, nas colinas, por uns dias, enquanto ponderamos sobre os problemas do Reino do Pai”.

6. O Lunático de Queresa

151:6.1 (1695.4) A maior parte das margens vizinhas do lado leste do lago dava acesso às colinas por meio de rampas suaves, mas nesse ponto do desembarque, em particular, havia um declive íngreme; a margem em alguns lugares caía de modo brusco até o lago. Apontando para o lado da colina próxima, Jesus disse: “Vamos até aquela colina para tomarmos o desjejum, descansarmos e conversarmos bem abrigados”.

151:6.2 (1695.5) Todo esse lado da colina era repleto de cavernas que haviam sido lavradas na rocha. Muitos desses nichos eram antigos sepulcros. Na metade da subida da colina, em um local relativamente nivelado, localizava-se o cemitério da pequena aldeia de Queresa. Quando Jesus e os seus seguidores passaram perto desse local de sepulturas um lunático que vivia em uma caverna, desse lado da colina, correu até eles. Esse homem demente era bem conhecido nessas paragens, tendo uma vez sido aprisionado com algemas e correntes e confinado a uma das grotas. Havia já algum tempo, ele rompera os grilhões e agora errava à vontade pelas tumbas e sepulcros abandonados.

151:6.3 (1696.1) Esse homem, de nome Amós, era afligido de forma periódica por uma insanidade. Havia longos períodos em que ele vestia alguma roupa e comportava-se bastante bem entre os companheiros. Durante um desses intervalos de lucidez, ele havia ido a Betsaida, onde pôde ouvir a pregação de Jesus e dos apóstolos e,

naquele momento, tornou-se meio-crente do evangelho do Reino. Mas logo adveio uma fase tempestuosa do seu problema, e ele fugiu para as tumbas, onde se lamentava, gritava alto e se conduzia de modo a aterrorizar todos aqueles que acaso o encontrassem.

151:6.4 (1696.2) Ao reconhecer Jesus, Amós caiu a seus pés e exclamou: “Eu te conheço, Jesus, mas estou possuído por muitos diabos; e suplico-te que não me atormentes”. Esse homem realmente acreditava que a sua aflição mental periódica era devido ao fato de que, nesses momentos, os espíritos maus ou impuros entravam nele e dominavam sua mente e seu corpo. Os seus problemas eram mais emocionais — o seu cérebro não estava gravemente doente.

151:6.5 (1696.3) Jesus, vendo abaixo de si o homem humilhando-se como um animal a seus pés, tomou-o pela mão, levantou-o e disse a ele: “Amós, tu não estás possuído por nenhum demônio; tu já ouviste a boa-nova de que tu és um filho de Deus. Eu ordeno que saias desse transe”. E, quando Amós ouviu Jesus dizendo essas palavras, ocorreu uma tal transformação no seu intelecto que ele imediatamente voltou a ter a mente sadia e o controle normal das suas emoções. Nesse momento uma multidão considerável de uma aldeia próxima estava reunida, e, essa gente, acrescida dos pastores de porcos das terras de cima, ficou atônita de ver o lunático assentado com Jesus e os seus seguidores, na posse de uma mente sã e conversando livremente com eles.

151:6.6 (1696.4) Enquanto os pastores correram à aldeia para contar as novidades do lunático domado, os cães atacaram uma pequena vara de cerca de trinta porcos, levando a maioria deles a um precipício,

caindo no mar. E foi essa ocorrência acidental, ligada à presença de Jesus e à suposta cura miraculosa do lunático, que deu origem à lenda de que Jesus tinha curado Amós, retirando dele uma legião de demônios, fazendo com que esses demônios entrassem na vara de suínos, levando-os, em seguida, a precipitarem-se para a destruição, no mar abaixo. Antes de terminar o dia, esse episódio havia tornado-se público entre os criadores de porcos e toda a aldeia acreditou nele. Com toda certeza Amós acreditou nessa história, pois viu os porcos pulando do cimo da colina pouco depois de a sua mente perturbada ficar calma, e sempre acreditou que eles levaram consigo os maus espíritos, os quais, durante tanto tempo, o haviam atormentado e afligido. E isso tinha muito a ver com a confirmação da sua cura. É igualmente verdade que todos os apóstolos de Jesus (exceto Tomé) acreditaram que o episódio dos porcos estava diretamente ligado à cura de Amós.

151:6.7 (1696.5) Jesus não teve o descanso que buscava. Durante a maior parte daquele dia foi atropelado por aqueles que vieram estimulados pela notícia de que Amós havia sido curado, e atraídos pela história de que os demônios haviam saído do lunático indo para dentro da vara de porcos. E, assim, depois de só uma noite de descanso, cedo na manhã de terça-feira, Jesus e os seus amigos foram acordados por uma delegação de gentios, criadores de porcos, que se aproximara para pedir que Jesus fosse embora dali. O porta-voz deles disse a Pedro e a André: “Pescadores da Galiléia, ide para longe de nós e levai o vosso profeta convosco. Nós sabemos que ele é um homem

santo, mas os deuses da nossa terra não o conhecem, e nós ficamos ameaçados de perder muitos porcos. O medo de vós desceu sobre nós, de modo que oramos para irdes daqui”. E, quando os ouviu, Jesus disse a André: “Retornemos à nossa casa”.

151:6.8 (1697.1) Quando eles estavam para partir, Amós implorou a Jesus que permitisse que ele fosse junto, o Mestre não o permitiu, contudo. Disse Jesus a Amós: “Não esqueças de que és um filho de Deus. Volta para o teu próprio povo e mostra a eles as grandes coisas que Deus fez para ti”. E Amós foi a todos os lugares para tornar público que Jesus havia expulsado da sua perturbada alma uma legião de demônios, e que esses espíritos maus tinham entrado em uma vara de porcos, levando-os à destruição imediata. E ele não parou, enquanto não foi a todas as cidades da Decápolis, declarando as grandes coisas que Jesus tinha feito por ele.